

TIAGO

CABRAL

UM SONHO
DE TRÊS

NOITES

baseado na obra de
H. P. LOVECRAFT


Editora
Draco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Um sonho de três noites

Tiago Cabral

primeira edição

editora draco

são paulo

2013

Tiago Cabral

é psicólogo e escritor. Desde pequeno sempre gostou de escrever chamando a atenção na escola com seus contos. Participando ativamente do meio literário em sua cidade cursou psicologia para poder se aprofundar na mente e alma humanos e assim poder escrever com mais propriedade. Após ganhar concursos literários, seus textos publicados na internet começaram a ganhar notoriedade.

© 2013 by Tiago Cabral

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Publisher: Erick Santos Cardoso
Produção editorial: Janaina Chervezan
Capa e editoração digital: Ericksama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Cabral, Tiago

Um sonho de três Noites / Tiago Cabral – São Paulo: Draco, 2013

1. Contos brasileiros 2. Literatura Brasileira I. Título

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Primeira edição, 2013

Editora Draco
R. José Cerqueira Bastos, 298

Jd. Esther Yolanda – São Paulo – SP
CEP 05373-090
editoradraco@gmail.com
www.editoradraco.com
www.facebook.com/editoradraco
Twitter: @editoradraco

Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Um sonho de três noites – Tiago Cabral](#)

[Notas](#)

Um sonho de três noites – Tiago Cabral

17 de março 1925

Os pés, calçados por sapatos de couro velhos e um tanto gastos, porém muito bem engraxados, afundavam-se na fofa grama salpicada de lírios brancos. O banco se erguia sobre a grama que já havia lhe coberto os pés há alguns anos, e nele repousava o escritor. Seu paletó extremamente alinhado indicava altivez, um contraste estranho com a inclinação da coluna encurvada fazendo com que seu rosto se escondesse quase que totalmente por trás do livro cujo título em inglês significava “A Interpretação dos Sonhos”, de Sigmund Freud.

O que o escritor ignorava era que o gramado no qual residia o banco de praça consistia na verdade num círculo verde de no máximo cinco metros de diâmetro. Além disso, havia apenas um solo áspero e úmido feito de pedra negra que se erguia de um mar parado e morto. Ao longe, quatro bestas de tamanho titânico dormiam nas sombras de um crepúsculo interminável com suas barrigas voltadas para um céu manchado de nuvens vermelho-sangue a oeste e completamente

negro a leste. Cada besta jazia num ponto cardeal e a única delas que jazia oculta nas sombras era a do leste. O odor de enxofre era pesado e sufocante, mas isso não parecia incomodá-lo.

– Pequeno Howard... – tentou um velho mascate se aproximando, as vestes semelhantes às do escritor. No entanto ele carregava uma grande mala de couro onde residiam os diversos artigos que deveria vender. O escritor apenas o ignorou, assim como fez com as bestas que dormiam no mar. – Você não pode me ignorar, filho.

Ele apenas virou a página.

– Howard! Como ousa ignorar seu próprio pai? – insistiu o mascate.

– Você não é meu pai.

– Como ousa?

– Meu pai está morto.

– Sim. Morto. Abandonado num manicômio. Tinha tanta vida pela frente... Eu queria ver você crescer, Howard, ser um pai pra você. Mas as dores da loucura roubaram minha alma e lavaram minha mente, deixando apenas um corpo inerte – o mascate levou a mão ao coração, dramático.

– Meu pai morreu de sífilis. Era um mascate qualquer que abandonou a mim e à minha mãe. Não me perturbe mais – respondeu Howard sem nem tirar os olhos do livro.

– Ao invés de me insultar você deveria ouvir o que tenho a lhe dizer.

– Creio que nada de proveitoso pode vir de você.

– Então é hora deles acordarem – concluiu o mascate.

Um terremoto sacudiu a ilhota de pedra onde os dois estavam. Olharam para o leste quando a maior das criaturas se ergueu nas sombras. Era impossível vê-la, oculta nas densas trevas da noite macabra que vinha do leste, exceto por poucas linhas de sua colossal silhueta. Era terrível saber que a criatura estava viva, ainda mais agonizante saber que olhava para ele.

Então abriu os olhos em sua cama enquanto a porta era martelada por uma voz impaciente que lhe chamava:

– Senhor Phillips! Senhor Phillips!

Howard levantou-se e, tateando a cômoda cheia de papeis, derrubou alguns em busca de seus óculos. Colocou-os e foi em direção da porta.

– Bom dia, senhor Phillips – saudou a gorda senhora com cabelos grisalhos que lhe entregou nada menos que quinze cartas. – O correio passou esta manhã e, sinceramente, eu gostaria de saber por que o senhor recebe tantas cartas!

– Dia, senhora Longroad – respondeu Howard para início de conversa. – Bom, eu me correspondo com muitas pessoas com frequência, como bem disse na primeira vez que a senhora perguntou.

– Olhe, senhor Phillips. Concordei em ceder esse apartamento para solteiros para o senhor por apenas vinte dólares por mês, pois a princípio me pareceu ser uma boa pessoa. Não fedia como os sujeitos que moram por aqui em Red Hook e estava bem vestido demais para ser um desses gangsters de quem tanto falam por aí. Mas, o senhor quase não sai de casa, vive a portas e janelas trancadas e agora essas cartas.

– Eu escrevo para algumas revistas, senhora. E me correspondo com leitores e outros escritores.

– Eu não creio nisso. Deve estar sendo procurado e se esconde aqui. É apadrinhado de algum mafioso, ou coisa do tipo. – a senhora colocou o dedo na cara do escritor. – Não cheguei aos meus setenta anos sem prestar atenção nas coisas, senhor Phillips, e eu tenho os dois olhos bem abertos!

– Senhora. Não acredita que se eu fosse melhor apadrinhado, eu teria menos dificuldades de pagar esse aluguel “pechinchado”, como a senhora diz?

A gorda senhora parou um pouco para pensar, mas não diminuiu sua fúria, apesar de dar meia volta e voltar pelo corredor no qual mal cabia. E ainda gritou:

– Lembre-se disso, eu tenho os olhos abertos! E ainda enxergo bem!

Howard fechou a porta e a paz voltou a reinar. Leu as cartas com cuidado, verificou a quantidade de tinta no tinteiro e sacando de uma

folha em branco, começou a escrever. Sobre a escrivaninha tomada de livros, folhas de rascunhos marcadas com café consistiam seu mundo. Até que o cheiro do almoço do senhorio começou a incomodar sua concentração. Esquentou então um pouco d'água, fez um litro de café e mastigou uns pedaços de pão velho: havia almoçado.

A noite caiu. O café estava frio. A vela já estava no fim, ainda assim Howard usou um dos seus últimos fósforos e a acendeu. Nas sombras dançantes, sabia que residiam coisas que vinham de muito longe para perturbá-lo. O calor às vezes lhe forçava a abrir a janela, então o cheiro pútrido dos portos a menos de duzentos metros de distância invadia o quarto. Sussurros vindos da rua, música abafada ao longe. Ele sabia que lá fora os homens perversos conspiravam contra a vida e os bons costumes. Não mantinha a janela aberta por mais de cinco minutos. Preferia o calor e os fantasmas das sombras ao cheiro de peixe podre que vinha da rua. Quando a fome bateu, apenas tomou o café gelado, pois por mais vontade que tivesse de fazer mais, devia guardar para amanhã, afinal não havia muito. Após ler novamente um livro de astronomia, ele adormeceu.

18 de março 1925

– Como chegamos aqui? – perguntou o mascate.

– Eu estou sonhando e você está morto – explicou Howard.

– Sabe que quando desperto essa sentença não teria sentido algum, não é? – Deveras – respondeu seco o escritor.

O mascate parou e observou o livro que Howard lia dessa vez: “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin.

– Porque perde seu tempo com estes livros hereges, meu filho? Nunca conseguirá lecionar em uma boa escola se for visto lendo essas blasfêmias!

Howard não respondeu.

– Não conseguiria mesmo que não lesse essas coisas, afinal não tem uma boa faculdade. Aliás, não tem faculdade! – disse o mascate.

– E o que um mascate entende das credenciais de um professor??

Ele sentiu respingos de água acertarem seu rosto e o livro. Olhou por cima dos óculos e viu que o mar dessa vez estava agitado, mas isso parecia não abalar as criaturas que dormiam no horizonte.

– Uma grande tempestade se aproxima, filho – disse o mascate. – Se ao menos você ouvisse o que tenho a dizer...

– Por que não se concentra nos seus próprios negócios? – respondeu Howard olhando por cima do livro e percebendo que um tsunami se aproximava, fazendo com que despertasse novamente em sua cama.

Desta vez as batidas foram mais suaves. No entanto Howard atendeu com a mesma pressa e urgência do dia anterior. Quanto antes atendesse à porta, mais cedo dispensaria a senhora Longroad.

– Bom dia, senhor Phillips.

– Bom dia, senhora Longroad.

– Hoje o correio trouxe apenas cinco cartas – disse a senhora entregando as cartas ao escritor. – Meu recorde foi três, num mês!

– Obrigado – agradeceu Howard levando novamente a mão à maçaneta para fechar a porta, mas como previa, a senhora continuou a falar:

– Sabe que a sua vizinha Mary me disse que acompanhou a posse do novo presidente pelo rádio?

– Interessante, não? – Howard tentou fingir interesse.

– Ela me chamou para ouvir um pouco na casa dela. Disse que foi uma coisa bonita de se ouvir. Nunca fui com a cara desse Coolidge, mas é um republicano, afinal. O primeiro presidente a ser empossado durante uma transmissão de rádio, ela me disse.

– Um fato bem interessante. Senhora Longroad, eu... –

– Ela é solteira – a senhora Longroad interrompeu a tentativa do escritor de se livrar dela. – Um pouco mais nova que você, mas parece ser uma boa mulher. Trabalha no escritório de um estaleiro aqui perto, veio do interior. Deveria chama-la para tomar um café qualquer dia desses.

– Eu sou casado – respondeu Howard, seco.

– Me desculpe – disse a senhora Longroad, constrangida. – Sabe, depois de ontem, eu pensei um pouco melhor sobre a coisa das cartas. Realmente passei um pouco dos limites, como disse, já vivi o bastante para ficar calejada. Apenas achei que apresentado vocês faria um favor. O senhor fica tão solitário aí dentro desse quarto, achei que apenas precisava de uma motivação para sair!

– Agradeço – cortou Howard, já fechando a porta.

– Mas – insistiu ela. – Onde está sua esposa?

– Teve que se mudar devido ao trabalho. Desculpe-me, estou aguardando ser chamado para uma entrevista.

– Bom, e eu que achava as cartas estranhas – comentou a senhora – uma mulher que trabalha e ainda mora longe de seu homem. Que surpresas mais virão do senhor, hein, senhor Phillips?

– Bom dia – e finalmente Howard fechou a porta.

Então recomeçou seu ritual: abriu as cartas, leu-as. Uma delas era o cheque de quinze dólares referente ao seu pagamento pela publicação de contos. Guardou-os na gaveta da escrivaninha e tomou uma folha em branco para iniciar umas respostas. No entanto, ao verificar o tinteiro, viu que o material do qual eram feitos seus sonhos havia acabado. Vestiu roupas de sair, colocou um chapéu e trancou a porta.

Caminhou mais de meia hora até a loja de utensílios na qual conseguiu por dois dólares um frasco de tinta. E quando retornava

uma voz o chamou:

– Howard Phillips Lovecraft!

Ele se virou. Viu um homem igualmente alinhado, porém usava um chapéu branco fazendo contraste com seu paletó preto. Era um homem atlético, percebia-se pelos ombros largos e o peito farto que nem mesmo o casaco disfarçava.

– Robert! – Respondeu Lovecraft.

– É um prazer imenso revê-lo, amigo! – disse Robert, apertando a mão de Lovecraft com tanta força e sacudindo tão rápido que por instantes o escritor acreditou ser a intenção do amigo arrancá-la.

– Mas que diabos faz em Nova York, meu caro – disse Howard. – Está um pouco longe do Texas, hein?

– Ah – suspirou. – Você sabe que eu tenho uma alma selvagem. Precisava viajar. Expandir meus pulmões com ares diferentes! Depois que me falou sobre a situação com a Sonia, tive que vir vê-lo, além disso, tinha que lhe contar e mostrar algo pessoalmente.

– Não há uma situação com a Sonia – disse Lovecraft.

– Claro que há. Eu lhe avisei! Uma mulher mais velha, Howard! Vai querer ser sua mãe! Mandar em você e ser dona do próprio nariz!

– É apenas temporário.

– Ah, amigo, cale-se. Veja aquele Ford T “New Model” Tudor Sedan do outro lado da rua, é meu! – Apontou Robert. – Vamos até a

Quinta Avenida tomar um bom licor enquanto falamos do mundo como se soubéssemos todas as respostas!

E então fizeram uma viagem tranquila até a cafeteria, Robert se perdera algumas vezes no caminho, mas só porque não quis escutar as dicas de Howard. A cafeteria era simples. Um lugar apertado numa das ruas próximas à Quinta Avenida. Aconchegante, algumas mesas de madeira e um barman simpático.

– Aquele bairro realmente é tão nojento quanto as descrições de seu conto, meu caro, não sei como ainda consegue morar lá – disse Robert girando seu café com uma pequena colher.

– Temo que não tenha muitas opções. Mas é provisório – mentiu Lovecraft.

– Já vai fazer um ano, meu caro!

– Não é tão ruim assim.

– Não? Eu sinto sua agonia no conto que escreveu sobre o lugar.

– Não vamos comparar a ficção com o real. Use o bom senso.

– Você vive verdadeiramente o Horror em Red Hook, meu caro! Até o nome desse lugar me dá arrepios. Imagino um gancho molhado com sangue escorrendo. Corpos espalhados... Isso daria um bom conto.

– Na verdade este Hook é “canto” para os ingleses que batizaram o lugar.

– Pensando bem, ingleses também me dão arrepio.

E riram.

– Aguçou minha curiosidade ao dizer que tinha algo para me mostrar – disse Howard, aproveitando para mudar de assunto.

– Sim – disse Robert, e começou a procurar algo em sua pasta de couro. Então retirou um encadernado que jogou sobre a mesa. Um periódico de Harvard que não surpreendeu Lovecraft.

– Parei de receber esses periódicos quando me mudei. Lembrou-me que preciso atualizar meu endereço de cadastro – disse Howard.

– Há um anúncio aí – disse Robert com empolgação – de um astrônomo chamado Hubble. Ele descobriu outras galáxias em Andrômeda!

– Como assim uma galáxia em Andrômeda? Em Andrômeda há uma nebulosa! Não se confunda – Howard corrigiu o amigo, que não era tão aficionado por astronomia quanto ele.

– Andrômeda, segundo esse Hubble, é apenas uma das galáxias que existem no universo! Ele descobriu um conjunto de galáxias que foram batizadas com seu nome, inclusive.

Lovecraft ficou perplexo. Folheou o encadernado e leu alguma coisa por alto apenas confirmando o que o amigo dizia.

– Você tem ideia do que isso representa? – disse o escritor.

- Eu não sou um astrônomo, nem mesmo sei metade do que você sabe, amigo, mas tenho ideia da grandiosidade dessa notícia.
- Já me surpreendia com a quantidade de estrelas que havia no céu... Se cada uma possuir um sistema de planetas...
- Imagine então quantas estrelas há nessas outras galáxias?

Howard recostou na cadeira, pensativo.

- E os sonhos? – perguntou Robert.
- Nada de mais. Apenas sonho que estou com os antigos.
- “Nada de mais” seria a última expressão que eu usaria para definir qualquer um de seus sonhos, Howard – elogiou Robert.
- Todo mundo tem pesadelos.
- Todo mundo tem pesadelos, amigo, mas você tem revelações, tem epifanias oníricas!
- Se fosse tudo isso, não estaria publicando na Weird Tales e sim em periódicos de Harvard – disse Lovecraft.

Um silêncio chato se fez. Então Howard decidiu quebrar o gelo:

- Mas e suas histórias de faroeste?
- Ah, meu amigo, não tenho mais vontade de escrevê-las. A princípio admito que as escrevia com empolgação. Hoje apenas o faço pelo dinheiro. O velho oeste me fascinava, heróis rumando para um

mundo inexplorado... Mas esse tema já está tão batido quanto as estradas para o Oeste que já são largas e seguras...

– E o que tem em mente?

– Estive lendo sobre mitologia celta, para uns contos de terror e fiquei pensando em umas coisas...

– Porque não leva isso em frente?

– Um dia, quem sabe...

– Sabe o que você não devia esperar? Para escrever mais sobre os antigos. Devia escrever algo mais direto dessa vez. Algo sombrio e assustador que criasse sua marca!

Howard inspirou fundo:

– Creio que algo assim necessite de uma revelação onírica maior do que todas que já tive.

As conversas se estenderam por algumas horas, até que Robert decidiu que queria estar fora do estado antes do anoitecer e ver sua mãe antes do fim de semana.

Ao chegar em casa, Howard apenas se trocou e deitou.

Ao fechar os olhos, sentiu uma presença, algo o encarava e o ameaçava com o olhar. Um olhar agonizante. Ouvia ruídos estranhos, não altos demais para chamar sua atenção completamente, nem baixos o suficiente para passar despercebidos,

ficavam no limiar entre o real e o imaginário fazendo com que se perguntasse se realmente estava ouvindo aquelas coisas.

Abriu os olhos, então encarou o breu do teto. Era lá que residia o olhar da coisa que lhe observava. Ele não podia ver. Estava oculta nas sombras, a razão não podia deduzi-la, mas ele sentia o olhar, e reagia a cada ruído não ouvido nos cantos sombrios do apartamento.

Acendeu a vela e amaldiçoou o senhorio pela não instalação da rede elétrica no seu apartamento. Naquela situação ele também não estava em condições de negociar.

Apagou a vela.

Fechou os olhos novamente e a coisa nas sombras voltou a encará-lo. Um medo foi crescendo dentro de sua cabeça, forçando seus olhos a abrirem novamente.

Bam! Bam! Bam!

Ele escutou. Seu coração quase saltou pela boca. Ele se acalmou, era só a senhora Longroad na porta. O que a velha poderia querer àquela hora?

Quando abriu a porta, a reconheceu. Seu vestido, o cachecol de pele que lhe cobria o pescoço e o chapéu plumado sob o qual se apresentava o rosto maquiado de sua amada Sonia de malas na mão.

– É uma senhora muito impetuosa essa sua senhoria, hein? – ela disse.

Eles se abraçaram e se beijaram. Apesar da boa surpresa, Howard não se mostrou muito feliz em vê-la. Na verdade, recaiu um desconforto sobre sua mente. Lembrava-se das cartas de suas tias convidando ele a voltar para Providence, ao mesmo tempo em que se recordava da sua má visão das tias sobre mulheres que trabalhavam fora, caso de Sonia.

– Decidi que não vou deixar meu homem sozinho nessa cidade grande.

Ela se trocou, e deitaram juntos na pequena cama de solteiro. E quando acordaram, estavam de volta ao espaçoso apartamento de Sonia, longe de Red Hook. Sonia já não era mais velha que ele, e sim mais nova. Não era mais uma mulher de negócios, e sim uma dona de casa comum que vinha lhe trazer as cartas.

– Chegou o cheque de Harvard, querido – ela dizia. Mas ele se interessava mesmo pelo periódico que ostentava seu nome num dos artigos: “Prof. Lovecraft descobre segredos da criação do universo!”.

– Isso não é verdade – ele constatou.

– Claro que é – disse Sonia dando-lhe um caloroso abraço. – É tudo que você merece.

E ela olhava em seus olhos com o olhar penetrante que ele desejava, mas agora estava molhada. Molhada com água do mar, ele sabia, sentia o odor fétido de peixe. Moluscos caminhavam pelo chão da casa. Uma lula começava a agarrá-lo pelas pernas e quando ele

percebeu, estava mergulhando em um mar denso, cheio de moluscos cefaloides de todos os tipos. Eles agarravam seus membros e começavam a rasgar sua pele com ventosas e garras.

Ferido, com suas roupas em trapos, ele emergia arrastando-se pela praia de rocha sólida e negra ainda com criaturas rasgando e puxando sua pele.

– Pai – ele chamava pelo mascate diante dele.

– Se você pelo menos ouvisse o que tenho para dizer...

– Pois diga.

O mascate estendia a mão ao escritor que se levantava. As criaturas em sua pele murchavam e caíam, suas roupas se reconstituíam com seus fios se entrelaçando por mágica. Não havia mais dor.

– Ele te chama – avisava o mascate.

– Quem?

– O que dorme.

E então ele olhava para o horizonte e sabia que estava lá, o morto que aguardava.

– Eu não posso fazer isso!

– Acabará perdido na prisão que você mesmo criou. Acabará inerte e solitário! – ameaçava o pai.

– Não tenho medo da solidão. Esse caminho eu mesmo escolhi! A loucura não me assusta. Conheço bem os labirintos da minha própria mente!

– E nunca será lembrado!

Um tsunami invadia a praia elevando o nível do mar dezenas de metros acima de sua cabeça, e quando ele percebia as criaturas já estavam em volta de seu corpo em um cardume macabro de moluscos cefaloides. O escritor se contorcia e debatia, mas era inútil.

Ele se levantou de uma cama de hotel barata. O lugar fedia a peixe. Ele olhava para o lado e via uma prostituta de um dólar nua. O odor da maconha perdia-se no meio do mau cheiro daquela espelunca. Ele sabia onde estava: na mesma situação na qual diziam que seu pai surtou. Esse era seu pior pesadelo. Ele abriu a janela: diante de si um penhasco quilométrico cujas ondas quebravam aos seus pés violentamente. Uma tempestade apocalíptica assolava a terra. Furacões e tufões giravam iluminados por raios estrondosos que fazia cada centímetro do seu corpo vibrar.

Ao longe, no horizonte, ele via a titânica criatura ereta diante de tanta devastação. Mais antigo que o mundo. Antes dormia, agora desperto, revelava-se a ele. Suas asas dracônicas se esticavam, revelando a majestade de seu corpo, sua cabeça cefaloide voltava o olhar ao escritor, ameaçando-o. Os tentáculos se moviam sobre o corpo, tateando o ar.

– Eu não temo o que criei – Howard disse.

– Atenda, meu filho, seja o profeta – dizia o mascate ao seu lado -,
atenda ao chamado de Cthulhu!

Acordou ofegante. Todos os papéis sobre a escrivania jogados no
chão, exceto uma folha, na qual estava escrito:

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn”

19 de março de 1925

Naquela manhã, a senhora Longroad não bateu à porta, nem
apareceu durante o dia todo. Isso deixou Howard ainda mais
perplexo. Ele anotou o sonho em um rascunho qualquer, apenas para
que não esquecesse, e leu novamente o livro sobre interpretação de
sonhos que escrito por S. Freud. Por mais confortável que fosse a
ausência do incômodo que a senhora Longroad proporcionava
diariamente, Howard se preocupou e decidiu investigar seu
paradeiro. Não a encontrou em sua casa, mas sim no apartamento de
Mary, que chorava enquanto ouviam notícias no rádio.

– Senhor Phillips – começou a senhora –, uma tragédia aconteceu!
Furacões assolaram três estados incluindo o sul de indiana, onde
reside a família desse pobre anjo.

– Meu deus! Quando foi isso? – perguntou Howard.

– Durante a tarde e a noite de ontem. Falam em seiscentos feridos e mil mortos!

Naquela noite, Howard quase não dormiu. Ele sabia que os antigos eram criação de sua mente. Provavelmente uma influência de sua estadia naquele lugar que fedia a peixe podre, sujo e imundo e o aproximavam cada vez mais de suas montanhas da loucura. Aquela casa, habitada por fantasmas... Tragédias. O fantasma de seu pai habitava sua mente, e por mais que o complexo de Édipo o transformasse no seu pior pesadelo, aquela notícia o havia perturbado ainda mais.

Ele se viu forçado a fazer com que sua racionalidade julgasse por coincidência o morto Cthulhu habitar entre furacões na mesma noite em que eles assolaram três estados no país. É o que uma pessoa normal julgaria. Aliás, isso nem mesmo passaria pela cabeça de uma pessoa normal.

Mas enquanto ele escrevia suas cartas, os insetos feitos de sombras ainda andavam pelo chão de seu quarto na periferia do olhar, desaparecendo sempre que olhava diretamente para eles. Tocavam e subiam em seus pés também sumindo em sua mente, fazendo-o temer a loucura. Uma pessoa normal não consideraria nem mesmo pensar que não fosse nada mais que uma coincidência.

– E quem disse, Howard Philips Lovecraft, que você é uma pessoa normal? – perguntou-lhe o mascate à beira do penhasco rochoso sobre havia o banco de praça em que o escritor estava sentado. Dessa vez ele lia uma edição do *Jornal Chicago's Herald Examiner* que se

vangloriava em sua manchete de ter as primeiras fotos do tornado que assolara os três estados.

E lá ele ficou: à beira do abismo. Aguardando junto às bestas adormecidas que as estrelas estivessem certas e pudessem despertar e viver. Assim como escritor, que aguardava seu próprio estado de vigília, ansiando acordar para o pesadelo de sua própria realidade.

Notas

Este conto se passa num dos momentos da vida de H.P. Lovecraft que suas biografias descrevem como o mais sombrio, e propiciou a devida inspiração para os contos macabros que surgiram nessa época, demonstrando inclusive a repulsa do autor pelo lugar onde vivia, com o conto “Horror em Red Hook” (não disponível em português).

Sobre O Pai De Lovecraft

Não se sabe muito sobre o pai de Lovecraft, apenas que era um negociante que em um momento da vida teve um surto psicótico num hotel e morreu num manicômio. Algumas fontes dizem que ele era um negociante, outras que ele era um mero vendedor ambulante, ou mascate. Porém não há informações exatas. Diz-se que sua morte se deve à loucura, mas também é cogitada a possibilidade de que sua doença mental tivesse sido causada por sífilis. Há informações que a

mãe de Lovecraft teria recebido medicamentos para a doença na época da morte de seu pai.

Red Hook (o bairro)

Não encontrei nenhum registro sobre o apartamento de Lovecraft em Red Hook, mas seus biógrafos concordam sobre a decadência do lugar e as condições do autor na época servirem de fonte para elaboração das descrições presentes nesse conto. Portanto, a senhora Longroad é apenas obra da minha imaginação.

Nesta época, Red Hook era um dos domínios do famoso *gangster* Al Capone, então não seria difícil que a violência do lugar tornasse as pessoas desconfiadas.

Darwin e a teoria da evolução

Na década de 1920, a teoria da evolução de Darwin já era popular, no entanto seu ensino nas escolas ainda causava polêmica. Em 5 de Maio deste mesmo ano, o professor de biologia John Scopes foi preso por ensinar a teoria de Darwin em sua aula ao invés da teoria criacionista (na qual Deus é o responsável pela criação do homem como relata a Bíblia). Isso deu início a uma grande discussão.

Lovecraft nunca chegou a terminar seus estudos, seu grande sonho era ser astrônomo.

A amizade com Robert E. Howard

Outro fator ficcional neste conto: não se sabe se um algum dia Robert E. Howard se encontrou com Lovecraft em Red Hook, afinal ele morava no Texas e se correspondiam basicamente por cartas. É mais provável que se falassem pessoalmente nas convenções de jornalismo amador que ambos frequentavam ou em outros eventos do tipo, mas é sabido que Robert gostava de fazer viagens sem rumo de carro, o que torna esse encontro improvável, mas não impossível.

O Ford T citado era um carro lançado naquele ano e era popular. É plausível que Robert tivesse possuído um nessa época.

Hubble

Em dezembro de 1928, poucos meses antes do período desse conto, Edwin Hubble (que dá nome ao telescópio que orbita a terra) anunciou a descoberta citada aqui. Lovecraft, apesar de frustrado em sua carreira como astrônomo, era um grande entusiasta da área, e certamente teve acesso a essa notícia que foi tão grande quanto a

descoberta de Galileu de que a terra gira em torno do sol. No entanto, esse grande feito só iria repercutir na mídia bem mais tarde, mas é possível que Lovecraft tenha sabido disso antes.

Conan

Os estudos de Robert E. Howard sobre mitologia celta resultariam na criação do seu personagem mais famoso: Conan, o bárbaro.

O culto real a Cthulhu

Muitos cultos atuais a Cthulhu dizem que a criatura já existia muito antes de Lovecraft escrever sobre ela, e que o escritor era um profeta. De fato, na obra de Freud que Lovecraft lê no início deste conto é dito que, em tempos antigos, sonhos eram revelações e os que eram capazes de interpretá-los eram tidos como profetas ou magos. Sabe-se que Lovecraft sofria de terríveis pesadelos, os quais eram fontes de muitos contos que ele escrevia.

Os 3 tornados e datas em “O Chamado de Cthulhu”

Em 18 de março de 1925, um tornado conhecido como “The Tri-State Tornado” assolou os estados de Indiana, Missouri e Illinois, o que completa o conjunto de inspirações que acredito que, a resultado da soma do local onde morava, as condições em que vivia e tudo o mais citado no conto serviram de inspiração, mesmo que inconscientemente, como ocorre aqui, para a criação do conto “The Call of Cthulhu” que se passa em parte nessa data.